

A relação entre gênero e demência em idosos no Brasil

Amanda Rezende de Medeiros¹, Daniella Xavier de Souza Cerqueira Caçapava¹, Layanna Nayra dos Santos¹, Murillo Santos da Cruz Vieira¹, Nathália Carolinne Rabêlo de Souza¹, Juliane Macedo².

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A demência é uma síndrome descrita por declínio de memória associado a déficit de uma função cognitiva. Existem vários tipos de demência sendo o principal a doença de Alzheimer. O objetivo dessa mini revisão é de verificar se há uma relação entre a prevalência de demência e o gênero nos idosos do Brasil. As pesquisas foram realizadas em plataformas, como o Google Acadêmico e a Scielo, usando o booleano AND, sendo selecionados 5 artigos entre 2017 e 2020 que se adequaram aos descritores. Encontrou-se como resultado a prevalência de demência em mulheres idosas, em decorrência de fatores socioeconômicos, bioquímicos e demográficos. No entanto, houveram estudos com resultados divergentes quanto a existência dessa prevalência. Conclui-se que realmente há uma prevalência em mulheres, porém são necessárias mais pesquisas na área que relacionam a demência com o gênero.

Palavras-

chave:

Demência.

Prevalência.

Sexo.

Idoso.

Brasil.

INTRODUÇÃO

A síndrome demência pode ser caracterizada por declínio de memória associado a déficit de pelo menos uma outra função cognitiva (linguagem, gnosis, praxias ou funções executivas) com intensidade suficiente para interferir no desempenho social ou profissional do indivíduo, como dependência de um cuidador (“Associação Americana de Psiquiatria”, página 946, 2014). Dentre os tipos de demência, o mais comum é a doença de Alzheimer, Parkinson, demência vascular, demência dos corpúsculos de Lewy e as demências frontotemporais ou doenças de Pick.

A doença de Alzheimer é uma doença cerebral degenerativa primária, que acomete a formação hipocampal, caracterizada por alterações cognitivas e comportamentais. O primeiro sintoma dessa doença é o declínio da memória de fatos recentes e de aspectos cognitivos, como desorientação espacial. A doença de Parkinson também é uma doença neurodegenerativa cujos principais sintomas são o tremor, a dificuldade em iniciar movimentos, rigidez e instabilidade na postura. A demência vascular refere-se a quadros demenciais causados pela presença de DCV, doença cérebro vascular, que é associada a grande lesões tromboembólicas, lesões em locais estratégicos, como o tálamo, lesões extensas da substância branca, angiopatia mieloide e demência por acidente vasculares cerebrais hemorrágicos. A demência dos corpúsculos de Lewy é caracterizada pela flutuação dos déficits cognitivos, alucinações visuais bem detalhadas e sintomas parkinsonianos, geralmente do tipo rígidoacínéticos, de distribuição simétrica. As doenças de Pick são alterações precoces de personalidade, de comportamento e de linguagem.

Dados do IBGE de 2018 mostram que a expectativa de vida vem aumentando, em média de 76,3 anos, sendo a das mulheres 79,9 anos. Esse fator colabora com crescimento da incidência de síndromes demenciais, devido ao processo neurodegenerativo do envelhecer e seus reflexos na vida social. Essa mini revisão tem como objetivo analisar a prevalência de demência em mulheres idosas no Brasil.

METODOLOGIA

O presente estudo possui caráter de mini revisão que foram pesquisados nas plataformas Google Acadêmico, Scielo, por meio dos descritores: prevalência, demência, sexo, idoso, Brasil, utilizando o boleano “AND”. Os artigos foram escolhidos com base no critério da data de publicação, de 2017 a 2020, e com características de relevância para o trabalho. Foram utilizados cinco artigos, cujos critérios de exclusão foram artigos que falavam sobre os cuidadores de idosos com demência, pesquisas não realizadas no Brasil e que não abordavam a faixa etária escolhida, bem como anos diferentes do delimitado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Souza et al, (2020), as mulheres foram duas vezes mais acometidas que os homens, porém os homens apresentaram os sinais e sintomas da demência mais jovens. Gondim et al (2017) mostra que as mulheres predominaram entre os indivíduos entrevistados no estudo-compondo 72,01% da amostra. No entanto, Silva et al (2019) afirma que os homens constituíram a maior parte da amostra do estudo, contrapondo com o artigo de Souza (2020), e as mulheres apresentavam consequências mais graves do quadro demencial. Conforme Santos et al (2020) evidenciou que não houve um maior quadro de desfecho de demência no sexo feminino, sendo inconclusivo em relação a prevalência de demência em homens ou em mulheres idosas. Thomazi et al (2018) também é inconclusivo em relação à prevalência de demência na questão do gênero.

Baixos níveis séricos de vitamina D contribuem diretamente com o desenvolvimento de demência, pois a vitamina D tem um fator protetor em relação aos comprometimentos cognitivos, segundo Santos et al (2020). E, o autor ainda afirma que o aumento em uma unidade de vitamina D diminui em 8% as chances de ter demência, sendo a média de quantidade da vitamina nos idosos dementados foi de 21,90 ng/mL. Ademais, Thomazi et al (2018) cita a relação de demência com baixo índice de massa corporal e baixos níveis de albumina sérica.

Correia et al (2016) apresenta várias pesquisas americanas de como a vitamina D afeta os diversos tipos de demência. Ele aponta que a doença de Alzheimer é uma das demências mais comuns e que mais atinge a população brasileira, segundo o Instituto Alzheimer Brasileiro. Um estudo americano analisou 1658 idosos de 68 anos por seis anos, e ao final dos seis anos notou que 102 dessas pessoas desenvolveram Alzheimer e 69 desenvolveram outros tipos de demência, sendo que todos apresentaram baixos níveis de vitamina D. Ainda em Correia et al (2016), há um estudo da Universidade de medicina de Kentucky que demonstrou que ratos tratados com vitamina D₃ tiveram menor perda de neurônios produtores de dopamina comparados ao grupo controle em regiões cerebrais, como na substância negra e no corpo estriado. Esse estudo da Universidade de Kentucky conclui que a administração de vitamina D antes e após o Parkinson possui capacidade neuroprotetora para as células produtoras de dopamina.

Nos artigos de Souza et al (2020) e de Gondim et al (2017) também foi avaliado a relação do quadro demencial com o nível de escolaridade, sendo que aqueles com maior nível de escolaridade foram diagnosticados mais cedo, e as pessoas com baixa escolaridade possuem maior risco de apresentar um quadro demencial. Concordando, Thomazi et al (2018) também afirma que pessoas com escolaridade

abaixo de quatro anos apresentam maior risco de demência. Além disso, Silva et al (2019) discorre sobre como o nível de escolaridade também influencia na qualidade de vida.

Com relação a comorbidades, foi constatado que a depressão, a hipertensão arterial e a diabetes mellitus estavam associados a demência, sendo que aqueles que já apresentavam e tratavam essas doenças possuíam uma tendência de desenvolver um quadro clínico demencial, segundo Gondim et al (2017). Os sintomas depressivos persistentes provocam a perda do volume do hipocampo, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da demência, já a hipertensão arterial envolve uma associação complexa dependente de fatores como cronicidade, uso de medicação anti-hipertensivo e a idade, de acordo com Santos et al (2020).

Além de todos esses fatores, é necessário ressaltar a importância da idade nessa linha de pesquisa. Em todos os artigos analisados houve uma maior prevalência de demência associada a indivíduos com idade mais avançada. Santos et al (2020) afirma que indivíduos com 80 anos, ou mais, tiveram 297% mais chances de serem diagnosticados com a demência comparado com aqueles de 60 a 69 anos, e isso tem relação direta com a maior expectativa de vida das mulheres, tendo em vista que elas buscam mais atendimento médico, portanto, representam 61% do contingente de idosos com a faixa etária de 80 anos. Dessa forma, existe a maior prevalência de casos de demência em mulheres.

Em decorrência da emancipação das mulheres no que concerne a escolaridade, ao mercado de trabalho e uma maior autonomia familiar, de acordo com Burlá et al (2012), elas conseguiram uma maior qualidade e expectativa de vida. Devido a isso, as mulheres vão naturalmente, ao longo dos anos, desenvolvendo doenças cognitivas e comorbidades, como demência e hipertensão. Conforme OLIVEIRA; NOVAES (2012), as mulheres consomem em média 8,96 medicamentos distintos por dia, o que relaciona diretamente com a prevalência de demência em mulheres. Com relação aos fatores socioeconômicos, RIZZI; ROSSET; CRUZ, 2014 afirma que em países em desenvolvimento e em países desenvolvidos há prevalência de demência, tendo em vista que esta doença é considerada de alto custo e necessita inúmeros cuidados, concordando com Souza et al (2020).

CONCLUSÃO

Fundamentada na discussão realizada e no objetivo desta mini revisão, foi possível concluir que existe uma prevalência de demência e seus tipos em mulheres idosas no Brasil. No entanto, necessita-se de mais pesquisas que correlacionam o gênero com a demência, visto que há resultados inconclusivos desta prevalência em mulheres. Ademais, projeta-se uma maior população de idosos em comparação com a população de crianças no âmbito mundial, o que requer uma maior preparação do setor de saúde pública, a fim de prevenir e controlar os fatores que influenciam na incidência de demência.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2014.

BURLÁ C., et al. Panorama prospectivo das demências no Brasil: um enfoque demográfico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 10, p. 2949-2956, 2013.

CARAMELLI P.; BARBOSA T.M. Como diagnosticar as quatro causas mais frequentes de demência. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 24, n. 1, p. 7-10, 2013.

CORREIA F.F., et al. Vitamina D pode prevenir doenças do sistema nervoso. **Nanocell News**, v. 3, n. 14, p. 81-95, 2016.

GONDIM A. S., et al. Prevalence of functional cognitive impairment and associated factors in Brazilian community-dwelling older adults. **Dement Neuropsychol**, v. 11, n. 1, p. 32-39, 2017.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018**. Disponível em:< <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26103-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-para-76-3-anos-em-2018>>. Acessado em: 6 de maio de 2020.

OLIVEIRA M.P.F.; NOVAES M.R.C.G. Perfil socioeconômico, epidemiológico e farmacoterapêutico de idosos institucionalizados de Brasília, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 1069-1078, 2013.

RIZZI, L.; ROSSET, I. e CRUZ, M. R. Global epidemiology of dementia: alzheimer's and vascular types. **BioMed Research International**, v. 2014, n. 1, p. 1-8, 2014.

SANTOS, C.S.D.; BESSA, T.A.; XAVIER A.J. Fatores associados à demência em idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 603-611, 2020.

SILVA E.I., et al. Avaliação da qualidade de vida de idosos institucionalizados com sinais de demência. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, v. 24, n. 2, p. 81-95, 2019.

SOUZA R., et al. Prevalência de demência em pacientes atendidos em um hospital privado no sul do Brasil. **Journal Einstein**. v. 18, n. 1, p. 1-7, 2020.

THOMAZI R., et al. Frequency of dementia among elderly admitted to a Geriatrics Inpatients Sector of a Brazilian public hospital. **Dement Neuropsychol**, v. 12, n. 1, p 35-39, 2002.

